

30 ABR 1988

Geisel e Sarney

conversam por uma hora no Alvorada

JORNAL DE BRASÍLIA

Um encontro de uma hora, no Palácio da Alvorada, reuniu na tarde de ontem o ex-presidente Ernesto Geisel e o presidente José Sarney, na biblioteca do Palácio. Era uma visita de cortesia, mas Sarney e Geisel aproveitaram o tempo para uma longa conversa sobre a conjuntura nacional. Eles concluíram que não há motivos para se perder a confiança no País.

Os dois interlocutores discutiram também sobre a crise de identidade política que atinge tanto o PMDB quanto o PFL e as dificuldades enfrentadas pelo Governo, no plano interno e as negociações da dívida externa. Mas o ex-presidente evitou fazer qualquer sugestão, informou o por-

ta-voz da Presidência da República, Carlos Henrique.

O final da conversa foi presenciado pelo ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, que ontem esteve por duas vezes no Palácio da Alvorada.

Observadores da «liturgia do cargo», Sarney e Geisel apenas trocaram informações, sem aprofundar a conversa porque a visita tinha o caráter de cortesia. Geisel veio a Brasília para participar das comemorações do aniversário do Conselho Nacional do Petróleo e, depois da visita a Sarney, embarcou para o Rio de Janeiro. O último encontro informal entre os dois aconteceu em agosto do ano passado.

Pessimismo com a economia

O ex-presidente Ernesto Geisel concordou ontem, em atrasar por algumas horas seu regresso ao Rio de Janeiro, a fim de se avistar com o presidente José Sarney, a quem — segundo amigos do ex-chefe de Governo — externou suas preocupações quanto à gravidade da situação econômica, social e política do País.

Geisel esteve, pela manhã, até o começo da tarde, nas comemorações do quinquagésimo aniversário de criação do Conselho Nacional de Petróleo, do qual também fez parte. Ao lado do presidente do CNP, general França Domingues, e do ministro Aureliano Chaves, das Minas e Energia, ele presidiu a solenidade realizada pelo Conselho, no salão de conferência do Hotel Nacional.

Antes da sessão solene, de que participaram antigos dirigentes da Petrobrás — Shigeaki Ueki, Hélio Beltrão e Josafá Marinho, entre outros — Geisel esteve reunido por mais de uma hora com o presidente do PFL, senador Marco Maciel, e com os senadores pefelistas Guilherme Palmeira e Jorge Bornhausen, conversando sobre a situação brasileira. O ex-presidente se recusou a falar à imprensa e, quando assediado, após o discurso de saudação feito por Aureliano, durante o almoço com os dirigentes do CNP e da Petrobrás, pediu aos jornalistas que «ouvissem o que havia falado o ministro das Minas e Energia».

Nesse breve pronunciamento, Aureliano salientou que «Governo não é uma vaca que se alimenta no céu e se ordenha na Terra. O Brasil tem de combater essa mania que estão criando, de se oferecer uma camisa de Antônio Conselheiro (um místico religioso do sertão baiano, no final de século passado, que exerceu grande liderança sobre a população interiorana, prometendo-

do-lhes todas as graças divinas) e alguns, ou de se criar sempre um bode-expiatório para tudo. Essas duas atitudes — frisou, após enaltecer a necessidade de trabalho, em favor do desenvolvimento do País e da superação da crise — não fazem sentido numa sociedade organizada».

Apreensão

Amigos do ex-presidente admitiram que Geisel está apreensivo com a situação. A propósito, o senador Marco Maciel disse que «ninguém pode estar despreocupado e o ex-presidente Geisel também não está».

Pelo que transpareceu das informações dos interlocutores do ex-presidente, o general Geisel não se mostrou indiferente à tese de um grande acordo nacional, para a superação das dificuldades do País. Na sua opinião, o quadro econômico é mais grave do que se supõe.

A esse respeito, Maciel sublinhou que «uma inflação anual de 20% já é grave, imagina-se a gravidade de um excesso inflacionário mensal de 20%».

No encontro com os pefelistas, Geisel não cogitou da questão do mandato do presidente Sarney. Como tivesse havido referência a um possível acordo nacional, e o PFL, no momento, está ameaçado de cisão, devido à indicação do senador Marcondes Gadelha, para liderar o partido no Senado, sem consulta à bancada pefelista, esta ameaça foi debatida com o general Geisel e este limitou-se a dizer que «tal problema tem de ser resolvido pelos políticos da agremiação».

Os interlocutores do ex-presidente deixaram claro que o general Geisel está realisticamente pessimista, quanto ao quadro atual. Alguns deles, no caso, acentuaram a necessidade de que a transição política fosse cercada do cuidado possível.